

# PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS ENTRE EDUCADORES SOCIAIS E PEDAGOGOS ESCOLARES: A AUSÊNCIA COMO PRESENÇA

## PREVENTION PRACTICE BETWEEN SOCIAL EDUCATORS AND SCHOOL PEDAGOGUES: ABSENCE AS A PRESENCE

Tatiane Delurdes de Lima Berton **1**  
Araci Asinelli da Luz **2**

**Resumo:** O estudo resulta da pesquisa de Mestrado em Educação envolvendo educadores sociais e pedagogos escolares, cujo objetivo foi verificar os procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência. Com a questão norteadora: “quais as ações profissionais do educador social e do pedagogo escolar frente à prevenção do abuso de drogas com adolescentes?”, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo, correlacional e exploratório. Participaram de entrevistas semiestruturadas três educadoras sociais de um Centro da Juventude e três pedagogas escolares da rede de colégios estaduais, de um município da região Metropolitana de Curitiba (Paraná/Brasil). Para a análise de dados utilizaram-se os Núcleos de Significação, de Aguiar e Ozella (2006, 2013), emergindo cinco categorias: Ser, Sentir, Conhecer, Fazer e Ausência. Constatou-se que não há formação inicial/continuada, tampouco práticas preventivas relacionadas ao abuso de drogas na adolescência entre esses profissionais.

**Palavras-chave:** Adolescência. Educação Preventiva Integral. Núcleos de Significação. Pedagogia Social.

**Abstract:** The study results from a Master's in Education research involving social educators and school pedagogues, whose objective was to verify the procedures in the field of Social Education and Pedagogy in the prevention of drug abuse in adolescence. With the guiding question: “what are the professional actions of the social educator and the school teacher in relation to the prevention of drug abuse with adolescents?”, A qualitative, descriptive, correlational and exploratory research was developed. Three social educators from a Youth Center and three school educators from the network of state schools, from a municipality in the Metropolitan Region of Curitiba (Paraná / Brazil) participated in semi-structured interviews. For the data analysis, the Nuclei of Meaning, by Aguiar and Ozella (2006, 2013) were used, with five categories emerging: Being, Feeling, Knowing, Doing and Absence. It was found that there is no initial / continuing education, nor preventive practices related to drug abuse in adolescence among these professionals.

**Keywords:** Adolescence. Integral Preventive Education. Core of Meaning. Social Pedagogy.

Doutoranda e Mestre em Educação, Universidade Federal do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0418895883177728>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6653-2593>. E-mail: [tati8lima@gmail.com](mailto:tati8lima@gmail.com) **1**

Doutora e Mestre em Educação, Universidade Federal do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9511955646520341>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5880-0543>. E-mail: [araciasinelli@gmail.com](mailto:araciasinelli@gmail.com) **2**

## Introdução

O presente estudo<sup>1</sup> possui referências de uma dissertação de Mestrado em Educação, na qual buscou compreender a prática de prevenção do abuso<sup>2</sup> de drogas na adolescência entre educadores sociais e pedagogos escolares de um município da região metropolitana de Curitiba – Paraná – Brasil. Envolvendo profissionais da Pedagogia Escolar e da Pedagogia Social, reforça-se que a Educação, compreendida como oportunidade de desenvolvimento humano nos âmbitos cognitivo, físico, cultural, social, é a possibilidade de transformação social.

O ato de educar oportuniza a conscientização, a autonomia, a formação cidadã, de indagação das injustiças sociais, bem como da construção da humanização. A Pedagogia, por sua vez, é a área de conhecimento que possibilita orientar educadores, pedagogos, para o exercício educativo. Por meio de seus aprofundamentos teórico-práticos, desenvolve estudos que contemplam as interações sociais, os processos de ensino e aprendizagem, tanto do espaço escolar, quanto do não escolar (LIMA, 2017).

[...] a Educação deve promover a formação e o desenvolvimento humano integral dos alunos, ela deve propor um ensino para além de transmitir conteúdos, para que os alunos sejam capazes de construir uma sociedade mais justa, ética, democrática, sustentável e solidária. Isso significa que orientar-se por uma concepção de Educação Integral [...] (VIEIRA; SANTOS, 2019, p.178).

Uma das fases de desenvolvimento humano que educadores sociais e pedagogos escolares estão diretamente relacionados é a adolescência. Trata-se de um período de desenvolvimento biológico, físico, cultural e social. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, considera-se adolescente entre doze a dezoito anos incompletos. Por ser uma fase de fragilidades, construção da identidade, assegura que é dever da Família, do Estado e dos cidadãos preservarem seus direitos fundamentais, não apenas em aspectos de sobrevivência humana, mas, para o protagonismo juvenil. No contexto do abuso de drogas, o adolescente pode motivar-se pela substância por diferentes fatores: compreensão do ser, curiosidade, desejo, poder, fuga, criar vínculos. Assim, “O uso ocasional de droga por adolescentes pode ser entendido como manifestação de uma experimentação apropriada para sua etapa de desenvolvimento e busca de direção para a vida” (SCHENKER; MINAYO, 2005, p. 714).

Apesar de a legislação brasileira reforçar as práticas de direitos fundamentais para a proteção da infância e adolescência, ainda há situações vivenciadas por crianças e adolescentes envolvendo violações de diferentes naturezas, como, por exemplo, agressões físicas, sexuais, psicológicas, morais. Uma das violências constatadas na adolescência envolve o abuso de drogas que, devido suas propriedades, ocasionam interferências no comportamento, no estado emocional, bem como nas relações. Podem, dentre outros fatores, causar prejuízos individuais (saúde, educacional), familiares e sociais (ASINELLI-LUZ, 2014).

Devido aos danos que o abuso de drogas pode causar nos adolescentes, o ato de prevenir se faz ainda mais relevante, a fim de evitar riscos e/ou danos. Para isso, a presente pesquisa aborda a Educação Preventiva Integral, um modo de atuação humanizador que reconhece o ser, seu desenvolvimento e suas relações, em que cada sujeito necessita de ações e intervenções de acordo com suas necessidades: “se a prevenção é voltada para pessoas, é verdadeiro pensar que cada grupo de pessoas poderá ter uma estratégia de prevenção diferenciada”. (ASINELLI-LUZ, 2000, p. 51). Para promoção da prevenção, faz-se necessário voltar o olhar para o ser: sua história, seus ambientes, seus contextos, seus processos, seus tempos, culturas, valores. Precisa ser compreendida como presença educativa, ou seja, estimular diálogos e o reconhecimento do ser humano como um todo.

Dialogar sobre prevenção do abuso de drogas vai além da do compromisso profissional, pois, torna-se uma necessidade humana. É preciso provocar discussões e estudos acadêmicos para

1O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2 O termo “abuso” caracteriza-se como autoadministração de substâncias psicoativas onde o dano é claramente identificado (DUARTE; MORIHISA, 2012).

que profissionais de diferentes áreas reconheçam a importância da Educação Preventiva Integral para o desenvolvimento do sujeito. Ademais, é preciso consolidar redes de proteção à infância e adolescência, de reconhecer a importância do educador social e do pedagogo escolar para a emancipação do sujeito, assim como para a transformação social. Em face de essas preocupações, o presente estudo busca apresentar os procedimentos, as práticas de profissionais da Pedagogia Social e da Pedagogia Escolar relacionadas à prevenção do abuso de drogas na adolescência.

## Metodologia

A fim de buscar respostas para a pergunta norteadora “quais são as ações profissionais do educador social e do pedagogo escolar frente à prevenção de drogas com adolescentes?”, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, em que envolve relações humanas, com importância aos discursos dos participantes, bem como a valorização da vez e voz.

Com o objetivo de verificar os procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia referentes à prevenção do abuso de drogas na adolescência, o estudo envolve os alcances - exploratório, descritivo e correlacional - por explorar um fenômeno social, contextos, ambientes e relações (MINAYO; SANCHES, 1993; SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013). Ademais, descreve de maneira fiel às intervenções e, busca aproximações e distanciamentos em relação às práticas de educadores sociais e pedagogos escolares.

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volta com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244).

evido o envolvimento de sujeitos e a necessidade de obter a percepção de sentidos e significados além da comunicação, escolheu-se para a coleta de dados a utilização de entrevistas semiestruturadas, em que abordavam questões referentes à formação inicial e continuada, ações preventivas e outras atividades que educadores sociais e pedagogos escolares promoviam com adolescentes. Para a análise de dados, após a transcrição completa dos dados, utilizou-se os Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2006) para a apreensão dos sentidos, envolvendo “[...] produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências”. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 304). Chama-se de sentidos os “[...] conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades.” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 304). Para a composição dos Núcleos de Significação, foram organizados os pré-indicadores, indicadores e, a formação de cinco Núcleos (Ausência, Ser, Conhecer, Fazer e Sentir).

## Fatores éticos

Por tratar-se de um estudo que envolve seres humanos, seguiu-se os procedimentos éticos da legislação, pautando-se nas normas e princípios estabelecidos pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), para pesquisas com seres humanos, publicada em 3 de junho de 2013 no Diário Oficial da União, obtendo desse modo, Parecer Consubstanciado nº 1.571.218, CAAE: 56213116.5.0000.0102.

Para garantir o anonimato das participantes e seguir com os procedimentos éticos, foram inseridos códigos de identificação seguindo a inicial do cargo – E.S para educadora social e P.E. para pedagoga escolar – e a ordem de realização da entrevista (ES1, ES2, ES3, PE1, PE2, PE3). Em relação às citações das falas das participantes, foram descritas na íntegra e sem correção da linguagem. Faz-se necessário esse cuidado para preservar a essência das narrativas.

## Participantes e campo da pesquisa

As participantes da pesquisa, educadoras sociais e as pedagogas escolares, atuam em instituições públicas de um município da Região Metropolitana Sul de Curitiba, inseridas em regiões

com alto índice de vulnerabilidade e risco social, assim como o elevado abuso de drogas entre adolescentes. As educadoras sociais são servidoras da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, lotadas no Centro da Juventude. As pedagogas escolares atuam na área da Educação, em colégios estaduais. O critério de escolha da participação das profissionais ocorreu devido atuação em áreas da Pedagogia Escolar e da Pedagogia Social, especificamente com os cargos de educador social e pedagogo escolar e, devido seus espaços com índices de vulnerabilidade e risco social e, pelo público adolescente atendido.

Trata-se de profissionais com idade entre 23 e 49 anos. As educadoras sociais atuam no cargo cerca de três a cinco anos, enquanto as pedagogas escolares variam entre quatro a trinta anos. Em relação às áreas de formação das participantes, todas possuem o Curso Técnico-Profissionalizante Formação de Docentes (antigo Magistério), cinco a graduação em Pedagogia e, uma educadora social a segunda graduação em Serviço Social. Das seis profissionais, uma promoveu especialização em Direito Educacional.

Em relação aos campos de pesquisa, o Centro da Juventude é um equipamento público que oferece no município o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), por meio do Sistema Único da Assistência Social (SUAS). Atendem adolescentes e jovens entre doze a vinte e nove anos de idade. Nele, atuam três educadoras sociais, todas participantes da presente pesquisa. Em relação aos colégios estaduais, foram escolhidas três instituições distintas, em que, fazem parte das vinte e seis escolas da cidade.

A coleta de dados foi promovida entre junho a agosto de 2016. Foi realizada por meio de entrevista, com duração média de 50 minutos cada e gravação de voz autorizada conforme o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE). Por meio de um roteiro semiestruturado, houve diálogos sobre as práticas das educadoras sociais e pedagogas escolares, bem como experiências e compreensão sobre adolescência, prevenção e abuso de drogas.

## **Resultados, análise e discussão de dados**

Com a promoção de seis entrevistas semiestruturadas com três educadoras sociais e três pedagogas escolares e, após a transcrição das entrevistas, iniciou-se o processo da análise dos dados conforme apresentado por Aguiar e Ozella (2006; 2013). Para analisar os sentidos advindos pelos discursos das participantes, primeiramente ocorreram leituras flutuantes, na qual puderam emergir percepções explícitas e implícitas. Com um olhar multifacetado, houve a observação dos contextos, valores, experiências, sentimentos e relações, tornando-se um passo fundamental de análise e ação social.

[...] com o contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade. Nesse momento, temos a realização de um momento da análise mais complexo, completo e sintetizador, ou seja, quando os núcleos são integrados no seu movimento, analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto sociohistórico, à luz da teoria (AGUIAR; OZELLA, 2006 p. 231).

Após as leituras flutuantes, a segunda etapa envolveu a organização dos pré-indicadores e, para sua formulação, em cada entrevista foram selecionadas e descritas as palavras-chave que mais emergiam, sendo destacadas em cores conforme suas repetições, maior frequência, importância, bem como carga emocional. O critério de escolha desses pré-indicadores estruturou-se a partir da aproximação com o objetivo da pesquisa, bem como o contexto e a narrativa das participantes. Em um processo de construção interpretativa, conforme Aguiar e Ozella (2006, 2013), as palavras-chave que caracterizaram os pré-indicadores expressaram as condições de trabalho das educadoras sociais e das pedagogas escolares, assim como conflitos internos; vivências; percepções sobre adolescência, prevenção do abuso de drogas, formação inicial e continuada; Rede de Proteção dos direitos da criança e do adolescente.

O terceiro passo incluiu a formação dos indicadores. A partir da aglutinação dos pré-indicadores, destacou-se as expressões das participantes que eram similares, distintas e

complementares no todo da entrevista, conforme Aguiar e Ozella (2013, p. 309): “entendemos, desse modo, que os indicadores só adquirem algum significado se inseridos e articulados na totalidade dos conteúdos temáticos contidos nas expressões do sujeito”. Assim, essa etapa apresentou discursos envolvendo a vivência e respectivas aprendizagens, sentimentos e, a denúncia da ausência de todos os tipos: de conhecimento sobre a atuação profissional e prevenção; motivação; diálogo (tanto com o adolescente, quanto com seus familiares); de suporte técnico e de conhecimento na área de prevenção; reconhecimento da necessidade de formação.

Partindo da composição dos pré-indicadores e indicadores, ocorreu a construção dos Núcleos de Significação (Quadro 1), em que apareceram os sentidos referentes a falta e escassez em suas realidades (NÚCLEO I AUSÊNCIA – o que mais sobressaiu nos discursos; construção na condição de sujeito (NÚCLEO II SER), conhecimentos sobre prevenção, adolescência e profissão (NÚCLEO III CONHECER), práticas profissionais (NÚCLEO IV FAZER) e conflitos e sentimentos (NÚCLEO V SENTIR). Esses Núcleos oportunizaram observar ações no campo da Educação Social e da Pedagogia Escolar sobre prevenção do abuso de drogas na adolescência. Com a compreensão da maneira com que esses profissionais sentem, pensam e agem, pode-se constatar lacunas referentes à formação inicial e continuada, em relação ao suporte técnico/gestor, bem como das ações ocasionadas pela família e comunidade. Assim, a seguir é apresentado um quadro referente às etapas de pré-indicadores, indicadores e os Núcleos formados.

**Quadro 1.** Pré-indicadores, indicadores e Núcleos de Significação

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES	NÚCLEOS
<p><b>Condições de trabalho:</b> acúmulo de atividades; atuação necessitou buscar formação em prevenção; ausência de apoio da gestão; ausência de efetivação da prática; ausência de trabalho sobre prevenção; dificuldade de formação; imposição; necessidade de trabalhar sobre abuso de drogas; necessidade de suporte especializado/técnico; necessidade de dialogar sobre drogas; Tempo não permite um trabalho mais completo, olhar atento; ausência de motivação; dúvida; não busca conhecimentos. <b>Percepção sobre o adolescente e seu contexto/relações:</b> ausência da família; dificuldade de dialogar com o adolescente. <b>Rede de Proteção dos direitos da criança e do adolescente:</b> ausência de suporte especializado/técnico; ausência de trabalho em rede; eximir responsabilidade; omissão sobre violação de direitos. <b>Formação e conhecimento na área de prevenção:</b> ausência de formação na área sobre drogas; ausência de preparo na área; conteúdo limitado; não há aprofundamento teórico na área; não há nada específico sobre a temática; não havia muito diálogo sobre abuso de drogas; necessidade de cumprimento da legislação; necessidade de políticas públicas efetivas; proibição; reconhece a necessidade de formação.</p>	<p>Dificuldades e ausência de conhecimento no espaço de atuação profissional; Ausência de diálogo com o adolescente e seus familiares; Escassez de suporte técnico e ausência de diálogo entre profissionais. Escassez de conhecimento na área de prevenção; Reconhecimento da necessidade de formação.</p>	<p>NÚCLEO – AUSÊNCIA</p> <p>Relatos de experiências, sensações que contemplam a falta, a necessidade, um problema causado pela carência.</p>
<p><b>Experiência oportuniza visão sobre a temática da prevenção:</b> experiência docente; fator pessoal incentivou estudos; Magistério como necessidade; realização profissional; referência familiar; desejo de ser diferente; interesse em trabalhar sobre prevenção e Educação. <b>Conflitos internos:</b> na dificuldade se fortalece; necessidade de ser ouvida; persistência.</p>	<p>O que compreende sobre prevenção a partir do seu ser; Vivências que transformam o ser.</p>	<p>NÚCLEO II – SER</p> <p>Fala sobre vida pessoal e profissional</p>



<p><b>Conhecimento a partir da vivência:</b> aprendizagem via experiência; abuso de drogas na família – referência familiar; conhecimento da realidade; percebe mudança ao trabalhar com prevenção; <b>O que conhece sobre prevenção ao abuso de drogas na adolescência:</b> comparação; envolvimento da família: preocupação com tratamento e não com prevenção; questionamentos; reflexão sobre abuso de drogas; <b>Buscas pelo conhecimento:</b> acesso informações;propaganda.</p>	<p>Viver oportuniza aprendizagem; Conhecimentos relacionados à prevenção.</p>	<p><b>NÚCLEO III – CONHECER</b> Manifestações sobre formações sobre drogas.</p>
<p><b>Ações no contexto de trabalho:</b> ação rápida para solucionar problema; algumas ferramentas de trabalho; apenas trabalhos pontuais; apoio da equipe de trabalho; apoio externo, de outros setores; diálogo com a família; diálogo com adolescentes, fortalecimento de vínculos; orientação; diálogo com os profissionais; encaminhamento para a rede; possibilitou a teoria em prática; reconhece o trabalho de outro setor; solicita ajuda quando necessário; trabalho isolado; na prática é diferente da teoria; olhar atento; prática limitada; <b>Experiências relacionadas ao abuso de drogas na adolescência:</b> cenário da prevenção ao abuso de drogas; contato com a realidade do abuso de drogas; pouco contato com pessoas que abusam de drogas; vínculo com adolescentes.</p>	<p>Ações promovidas individual e coletivamente;  Experiência com os adolescentes</p>	<p><b>NÚCLEO IV – FAZER</b> Diálogos sobre oportunidades de ação na família, escola, ações pró-sociais, Rede de Proteção.</p>
<p><b>O que percebe:</b> Concepção sobre fatores de proteção e de risco; de adolescente; de prevenção abuso de drogas; morte como fim; <b>Sentimentos suscitados:</b> manifestação de desespero; espanto; pedido de ajuda; medo; preocupação; sentimento de despreparo; impotência; incapacidade; insegurança; pena; tristeza; <b>Percepções sobre a temática:</b> importância da formação inicial e continuada; prevenção; Rede de Proteção; diálogo; do respeito; do suporte especializado/técnico.</p>	<p>Percepção sobre prevenção ao abuso de drogas na adolescência; Sentimentos.</p>	<p><b>NÚCLEO V- SENTIR</b> Percepções, sentimentos, fatores de proteção e fatores de risco.</p>

Fonte: LIMA, ASINELLI-LUZ (2017).

## Núcleo I – Ausência

O Núcleo classificado como “Ausência” destaca as dificuldades em atuar na Pedagogia Social e na Pedagogia Escolar devido as escassa formação inicial e continuada, sobretudo relacionada à prevenção do abuso de drogas na adolescência. Trata-se do não conhecimento sobre as práticas profissionais (no caso das educadoras sociais) e, as seis participantes expressaram a falta de diálogo com os adolescentes e seus familiares, a escassez de conhecimento em prevenção e, o não suporte técnico da gestão e da equipe com que atuam.

“- O nosso problema dentro das escolas é a falta de tempo mesmo, porque assim, eu sou pedagoga, então: “ah você tá aqui pra atender o aluno”. Nem sempre dá tempo de você fazer tudo o que você tem que fazer e até a questão de você estudar, pra você poder se interar mais no assunto” (PE1).

“- Ninguém quer ajudar na verdade, não tem tempo de ajudar” (E52).

Sobre o suporte que, teoricamente deveriam receber da gestão referente à Secretaria de Desenvolvimento Social e da Educação, salientam que não há apoio, não recebem formações continuadas e, não realizam nenhum tipo de planejamento voltado à prevenção. O que eventualmente recebem de cursos são, em sua maioria, desconexos com a realidade. Ademais, em relação à Rede de Proteção dos direitos da criança e do adolescente, apresentam a falta de trabalho multidisciplinar, em que muitos setores se eximem e/ou omitem práticas relacionadas à violação de direitos.

“- Mas é tanta coisa no dia a dia, a gente que já trabalhou bastante em sala de aula. É fácil né, chegar o governo e dizer assim: “vamos por esse programa aqui, vamos por esse outro programa.” Mas no dia a dia é difícil, pelos conteúdos, pelo tempo” (PE2).

“- Eles falam de proteção, mas, a gente vive em silêncio. Você pensa que encaminha e não vai pra frente. Não tem uma rede, porque o que se passa vocês não sabem né” (ES1).

Na ocasião de omissão dos direitos, a legislação brasileira é objetiva: “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (ECA, 1990, p. 001). Desse modo, faz-se necessário a criação e permanência de legislações, ações públicas que assegurem os direitos das crianças, adolescentes e de todos ou demais cidadãos, pois, “no plano social fazem-se imprescindíveis políticas públicas para se tirar da letra das leis o ideário democrático em prol de uma sociedade mais justa para todos” (MELO; FREIRE; FREIRE, 2019, p. 45-46).

Evidencia-se atuação isolada, tanto das educadoras sociais, quanto das pedagogas escolares. Esse cenário revela impotência, insegurança e sentimentos de incapacidade. Ao relatarem essas deficiências, também apelavam um pedido de ajuda, de desabafo e de sentimentos de tristeza, medo, desespero, espanto e preocupação. Devido a esse âmbito de ausências de trabalho em rede, de formação inicial e continuada, de suporte da gestão e da equipe com quem atuam, as participantes expressaram a não concretização da prática preventiva. Tais discursos revelam o contrário da real ação do educador social e do pedagogo escolar, pois, ao atuarem com o campo da Educação, devem precisar voltar seus esforços para a Educação Preventiva Integral, a socialização, a construção dos projetos de vida, superação de problemáticas, a autonomia, dentre outros aspectos de relevância para o desenvolvimento pleno do ser humano (ZOLOVOTA, 2014; JUBERG, 2009; NUNES; TEIXEIRA; COELHO, 2014).

O trabalho preventivo deve estar vinculado a uma proposta abrangente, no qual o uso de drogas deve ser discutido em um contexto mais amplo de saúde. A ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, a saúde, a orientação sexual, o mundo do trabalho, a sociedade de consumo são alguns temas que podem ser abordados em sala de aula no sentido de levar o jovem a refletir sobre as várias dimensões da vida (ARALDI *et al*, 2012, p. 143).

O não conhecimento sobre as práticas profissionais (como referido no caso das educadoras sociais) demonstra que, além dessa ausência, desde que foram contratadas via concurso público, não reconheceram o papel de educador social, da real função dentro do território. Pode-se relacionar esse fato de que, o processo em questão solicitada formação mínima no Curso de Formação de Docentes ou graduação em Pedagogia. Tanto as educadoras sociais, quanto as pedagogas destacaram que em suas formações iniciais receberam poucas orientações e informações a respeito da prática do educador e do pedagogo na Pedagogia Social e que, sobre prevenção do abuso de drogas, nenhuma discussão foi abordada.

“- Como educador social, eu quando entrei pra educação fiz o concurso pra ser educador social. Eu não sabia exatamente com o que eu iria trabalhar, e que situações que eu iria enfrentar. Eu não tinha também nenhuma experiência e não sabia realmente como agir, como fazer” (ES3).

O educador social é um profissional que trabalha com sujeitos em situações de vulnerabilidade e risco social, que visa a autonomia, o fortalecimento de vínculos, a convivência comunitária, bem como o protagonismo e o reconhecimento como sujeitos de direito. Contempla todas as fases de desenvolvimento humano – seja criança, ou seja, idoso e, pode ser ofertado em distintos espaços de interação social.

De modo geral, os educadores sociais atuam como agentes transformadores de realidades, desenvolvendo ações cotidianamente para exercício da consciência cidadã, autonomia, interação social, com base em discussões de temas emergentes de seu público. Há em sua rotina, a necessidade da escuta para compreender e ampliar o mundo simbólico e suas representações gestuais e lúdicas (LIMA, 2017, p. 69).

Os Depoimentos das educadoras sociais demonstram preocupação em relação ao nível escolar e a ausência de orientação às suas funções. Assumem sentimento de insegurança, pois, possuem formação específica em educação escolar, cursado a modalidade de Formação de Docentes e o Curso de Pedagogia. Reconhecem que não estão preparadas para atuar com as demandas sociais.

“- Porque a gente não tem uma formação pra ser educador social, uma formação direta pra você ser educador social. Você chega ao projeto, você não sabe como você tem que trabalhar” (ES3).

Outro fator dentro do Núcleo Ausência que demandou reflexão foi acerca do reconhecimento da importância da atuação em prevenção do abuso de drogas na adolescência: mesmo com todo cenário de ausência, todas as participantes destacaram que se trata de humanização, de construção do sujeito e desenvolvimento, necessidade humana. Reconhecem que todas essas ausências acabam se tornando demandas complexas, uma vez que a negligência em relação à gestão, a ausência de informação e de formação (inicial e/ou continuada) do profissional que atua com crianças e adolescentes são também vistos como fatores de risco. E essa problemática só aumenta à medida que não há trabalho em conjunto da família, comunidade e outros profissionais (LIMA, 2017).

## **Núcleo II – Ser**

O Núcleo denominado “Ser” apresenta os referentes à vida pessoal e profissional, em que abordam questões sobre o ponto de vista pessoal sobre prevenção do abuso de drogas, assim como os conflitos internos que construíram a partir de suas experiências. A prática, de acordo com Costa (1997) é uma habilidade possível de ser aprendida e para isso, o ser humano precisa de presença, de forma sensibilizada, compromissada e construtiva. “Estar junto” significa uma relação complexa que movimenta o interior a partir das interferências exteriores, oportunizando uma relação horizontal entre educador e educando, sem hierarquias, assumindo compromisso com a solidariedade, o respeito e a empatia.

Tratando-se da prevenção do abuso de drogas, todas as participantes citaram que construíram seus conhecimentos sobre a temática a partir de suas experiências de vida, pois, em relação à formação inicial, não obtiveram informações suficientes que promovesse segurança profissional. Destacam o “aprender fazendo”, com referências familiares fazendo parte da aprendizagem, em que as preocupações envolvendo os adolescentes partiram de suas motivações na condição de seres humanos e, não por proposta de trabalho.

“- Porque eu tive uma adolescência totalmente diferente da adolescência que eu vejo hoje, da adolescência que eu tenho contato hoje no meu dia a dia né” (ES3).



*“- Eu fui aprendendo, entrei e fui aprendendo, fui analisando a realidade deles, como que eles se comportavam, e fui elaborando meu trabalho em cima disso, em cima da realidade deles” (ES2).*

O segundo ponto emergido dos indicadores das participantes apresenta que os conflitos internos, de sentimentos de tristeza, medo, impotência, ocasionados devido a fatores externos (de ausências de formação, práticas isoladas, dentre outras já apontadas). Trata-se de um processo conflituoso de característica própria do ser humano.

É por meio de dificuldades, impasses e desconstruções junto a influências psicológicas, sociais e biológicas que se é capaz de construir a personalidade (LIMA, 2017; BRONFENBRENNER, 2011). Assim, reconhece-se que, “o sujeito compõe-se de processos, tempos e contextos que precisam ser observados de maneira abrangente, complexa e relacional, não apenas em seu aspecto individual, mas familiar e comunitário” (LIMA, 2017, p. 105).

No contexto de prevenção do abuso de drogas, faz-se necessário observar o desenvolvimento humano e suas relações, bem como salientar as histórias de vida, as demandas e as potencialidades. O foco não deve ser a substância e, sim o ser. Pensar no contexto do abuso de drogas requer reforço da concepção de que qualquer intervenção é melhor do que nenhuma (LIMA, 2017, p. 106).

O educador social e o pedagogo escolar possuem a condição de interagir, de interpretar e refletir sobre as demandas advindas dos adolescentes. É observar o sujeito em suas condições históricas, culturais, econômicas, políticas, sociais para conseguir observar suas potencialidades. E quando a relação se torna recíproca, há maior oportunidade de assimilar conflitos, assim como promover o reconhecimento de si e do outro (autonomia e autodomínio para a promoção da socialização, por exemplo) (LIMA, 2017; ASINELLI-LUZ, 2014; COSTA, 1997).

A interação entre o educador e o educando necessita acontecer de maneira dialética, empática, no reconhecimento das problemáticas e conflitos advindos pelos mais vulneráveis. Costa (1997) reafirma que para acontecer a reciprocidade entre os sujeitos, se faz importante a presença construtiva, de emancipar por meio da teoria e da prática, assim como o desenvolvimento de um olhar para o todo.

Outro sentido apreendido que é fator de muita reflexão faz menção ao desabafo e a necessidade de uma das educadoras sociais ser ouvida. Ela agradece pela oportunidade de ser ouvida e, de atenção pelas suas experiências e inseguranças. Reforça que não há apoio da gestão, tampouco dos demais profissionais com que atua.

*“- Imagina, sempre é bom conversar assim, alguém que nos escute” (ES2).*

Com as vivências, as participantes mencionaram que são atentas às demandas de abuso de drogas, bem como de outras violências que cercam os adolescentes. Desse modo, reforçam a relevância e precisão de formação inicial e continuada, em que possam suprir suas demandas na condição de educadoras, bem como na perspectiva dos adolescentes.

### **Núcleo III – Conhecer**

O Núcleo descrito como “Conhecer” expressa sentidos advindos de informações, práticas, formações iniciais e continuadas das educadoras sociais e das pedagogas escolares acerca da prevenção do abuso de drogas na adolescência. Abordam questões de aprendizagem na prática, de referência na família envolvendo o abuso de drogas e, possíveis alternativas de prevenção, baseadas em informações adquiridas por meio das mídias. Descrevem que essas ações ocorrem por sites e blogs de internet, não de cunho científico, acadêmico.

As educadoras sociais e as pedagogas escolares esclarecem que a aprendizagem ocorre por meio da prática e o conhecimento da história de vida dos adolescentes, assim como histórico ou não em relação ao abuso de drogas é expresso por meio do diálogo entre eles e suas famílias.

*“- E a gente foi analisando mudanças dentro da sala de aula sabe, onde a gente convivia ali com eles, a mudança de comportamento deles. Quando se falava também, às vezes estavam falando sobre drogas, sobre maconha, o aluno já se manifestava contra sabe, “ah isso não é legal” (ES3).*

O diálogo é uma ferramenta poderosa para a compreensão do sujeito e de suas demandas, em que explora significados referentes aos comportamentos. Por meio dessa internalização, constroem-se as funções psicológicas internas e são internalizadas com os sentimentos, ideias e pela linguagem. Adquirem-se significados e formam-se conceitos (sociais, culturais e históricos) que são relevantes para a construção do pensamento (LEONTIEV, 1991; STOLTZ, 2011).

Os educadores sociais, ao longo da sua trajetória em busca da profissionalização, foram caracterizados pela construção dos conceitos da área da Pedagogia Social após as práticas, reconhecendo que a jornada iniciou-se pela atuação e, posteriormente constituíram-se as teorias de base profissional. Por caracterizar-se por ações voltadas à emancipação e desenvolvimento humano, tornou-se essencial a promoção de documentos normativos, não apenas para elucidar as posturas educativas, mas, principalmente, para o reconhecimento do profissional da Pedagogia Social (PARREIRA; JOSÉ FILHO, 2010).

Em relação aos conhecimentos sobre prevenção do abuso de drogas na adolescência, as participantes destacaram que buscaram referências teóricas após experiências com os adolescentes, em que, seus mínimos conhecimentos abordam as vivências em suas famílias. Mesmo com a expressão de olhar limitado sobre a temática, suscitaram questionamentos referentes ao futuro dos adolescentes envolvendo as consequências do abuso de drogas.

*“- Você pensa, assim, nessa idade já tá, o que você pensa do futuro dessa criança meu Deus! Será que vai reverter esse processo sabe?” (ES1).*

*“- [...] porque tá tão abrangente que os nossos jovens, que a gente fica até se perguntando, o que vai ser?” (PE3).*

Após reconhecerem as consequências que as drogas podem causar no desenvolvimento dos adolescentes, as participantes destacaram alternativas que desenvolvem, a fim de conhecer mais sobre a temática de prevenção. Apontam a utilização de leituras pontuais (textos online) e notícias da televisão, estudos baseados em reportagens e blogs. Reconhecem que são fontes superficiais sobre prevenção e que, se não obterem clareza do assunto, podem ser tornar limitadas e alienantes. Esse sentido apreendido pelas participantes aproxima-se do alerta realizado por Roselli-Cruz (2010), em que meios de comunicação como a televisão e a internet podem apresentar a prevenção de maneira fragmentada e, nesse sentido, pode tornar-se sensacionalista ao invés de formativo.

*“-A gente até busca algumas coisas, fazer uma leitura, ler algo a respeito, reportagem ou mesmo né, pegar alguma coisa mais teórica sobre o assunto. Mas, mesmo assim, é superficial ainda” (PE1).*

A informação advinda por meio da internet e da televisão, das mídias em geral, podem não suprir a demanda das educadoras sociais e das pedagogas escolares. Muitas das leituras podem ser direcionadas à superação do abuso de drogas, de modo a descrever atendimentos quando o problema já está instaurado. Essa ação não se caracteriza como a Educação Preventiva Integral porque o problema já ocorreu.

Reforça-se a necessidade e a relevância de relacionar a teoria da prática, de integrar o conhecimento científico com as vivências. Um fazer reflexivo pode elucidar demandas, contextos e relações, em que poderão auxiliar na superação de problemáticas, evitando o abuso de substâncias (COSTA, 1997; LIMA, 2017).

## Núcleo IV – Fazer

O Núcleo IV, caracterizado como “Fazer”, destaca todas as ações caracterizadas como prevenção das educadoras sociais e das pedagogas escolares em distintos espaços. É destacada a utilização de teatros, cartazes, palestras, histórias, cartilhas, leituras, rodas de conversa e pesquisas via internet junto aos adolescentes. Lembra-se que, todas essas ações ocorrem de maneira isolada e pontual.

*“- Então assim, são na semana de prevenção do uso de drogas, então você vai trabalhar aquela semana. Você até retoma algumas coisas, mas não que seja assim: “ah eu vou trabalhar o ano todo, eu vou fazer uma conscientização o ano todo”. Isso não acontece tá, isso não acontece” (PE1).*

O trabalho pontual em prevenção apresenta fracassos nos resultados. Isso ocorre porque, o ato de prevenir não é apenas de informar. É de construção e reconhecimento do sujeito e suas demandas. É uma postura contínua, de desenvolvimento humano, de compreensão de conflitos e de reconhecimento de potencialidades e, assim, deve ser realizada durante toda a vida.

Daí a importância dos limites e a educação em valores como medidas essenciais de prevenção, não só em relação ao abuso de drogas, como também no processo de desenvolvimento da resiliência, superando diferentes dificuldades e conflitos, comuns na vida em sociedade, em especial na fase escolar (ASINELLI-LUZ, 2014, p. 392).

A Educação Preventiva Integral não ocorre apenas no “dia de combate às drogas”, mas sim em todas as oportunidades vividas. Não devem ser mecanismos de terror e medo, de reforçar malefícios das substâncias que podem levar à morte. O real objetivo precisa estar voltado ao sujeito, suas relações, contextos e histórias de vida (ASINELLI-LUZ, 2014). É preciso respeitar o ser em todas suas dimensões, sendo que “o trabalho preventivo, face uma determinada situação de dependência, se faz através de um processo educativo” (ROSELL-CRUZ, 2010, p. 232).

Como ilustração da empregabilidade do modelo amedrontador sobre as drogas, as participantes da pesquisa relatam que, para amenizar um problema relacionado ao comportamento dos adolescentes, apelam para agentes de segurança que, por sua vez, agem de maneira repressiva.

*“- Recorrer a Guarda quando acontece alguma coisa grave, é a Guarda Municipal que a gente chama” (ES1).*

Além da ação repressiva dos agentes de segurança, as participantes também revelam que já obtiveram experiências com os adolescentes que fizeram ao abuso de drogas. São muitas as histórias e lembranças vividas pelas educadoras sociais e pedagogas escolares. Ao recordar das situações de diálogo junto aos adolescentes, elas salientam que há sim muitas oportunidades de diálogo e compreensão do mundo e de suas famílias. Trata-se de aproximação e fortalecimento de vínculos entre eles. Além do diálogo, nessa oportunidade as profissionais desenvolvem a escuta, capaz de tornar-se uma ação pró-social, pois, mesmo com a ausência de formação e conhecimento na área de prevenção do abuso de drogas, buscam a melhoria da qualidade de vida e do pleno desenvolvimento dos adolescentes.

*“- [...] e a partir da confiança que eles têm em você eles vão contando a realidade sabe, o que se passa em casa, o que se passa na escola, o que se passa na rua, e eles vão começando a falar sobre isso, a ter mais confiança [...] (ES3).*

Embora as educadoras sociais e as pedagogas escolares relatem suas dificuldades, limitações e ausências, de desabafo e pedidos de ajuda diante de realidades que consideram difíceis, tristes e desumanas, elas também reforçam que suas escutas, diálogos, seus interesses em compreenderem a demanda do outro e, de reconhecer as vulnerabilidades e riscos sociais dos adolescentes, fazem

com que a prevenção ocorra de maneira indireta.

Assim como no campo da Pedagogia Social, a Pedagogia Escolar, envolvendo os pedagogos, os educadores, gestores e demais agentes também precisa provocar discussões sobre o âmbito da prevenção do abuso de drogas, fazendo com que os recursos pedagógicos auxiliem nas promoções dos direitos fundamentais para o desenvolvimento humano e para a construção da identidade adolescente (SOCIAS; CERDA, 1994).

### Núcleo V – Sentir

O quinto e último Núcleo de Significação caracterizado como “Sentir” salienta as percepções das participantes em relação aos fatores de proteção e os fatores de risco envolvendo o abuso de drogas na adolescência. Abordaram nesse núcleo as concepções, os sentimentos e as percepções envolvendo a temática. O abuso de drogas com adolescentes é apontado como um fator devastador e que seu fim é a morte. Quando então questionadas sobre os fatores de risco e de proteção, relatam que os desconhecem.

*“- Eles não têm outra saída. Não sabe que o final deles vai ser morte mesmo, porque, se começam como criança, o que você espera né?” (ES1).*

A Educação Preventiva Integral precisa ser realizada pelo coletivo, reconhecendo o sujeito em seu espaço, tempo e em suas relações. Ademais, para que o trabalho se efetive, faz-se necessário reconhecer os fatores de proteção e de risco. Em relação ao âmbito protetivo, deve-se oferecer aos adolescentes um ambiente de convívio sadio, de compreensão de suas potencialidades e demandas. Com relação aos fatores de risco, é preciso reconhecer os eventos que, possivelmente, poderão ser negativos e, provocar danos aos comportamentos e relações dos sujeitos. Ademais, podem suscitar problemas irreversíveis de nível físico, social e psicológico (LIMA, 2017; ASINELLI-LUZ, 2014).

Sobre a concepção envolvendo a adolescência, mencionam que trata-se de uma fase da vida humana caracterizada por conflitos. Isso ocorre porque o adolescente está envolvido em um processo de construção de identidade e de fortalecimento de vínculos afetivos, reconhecimento grupal. Costa (1997) destaca que os educadores sociais e escolares possuem podem desenvolver ações de repressivas (de despersonalização do adolescente), assistencialistas (suprindo carências mecânicas e imediatas), bem como a emancipação do adolescente, conforme suas relações de confiança e protagonismo juvenil. Desse modo, o educador, independente de sua área, pode optar pela postura humanizadora de emancipação, capaz de olhar para o ser e sua complexidade, com iniciativas de empoderamento. Esses profissionais tornam-se essenciais para a promoção da Educação Preventiva Integral, afinal, muitos deles se tornam referência para os adolescentes (LIMA, 2017; COSTA, 1997).

*“- Então eu acho que cabe a nós profissionais tá trabalhando de uma maneira ali que esteja atingindo esse jovem, esse adolescente, pra que ele não comece a usar né, pra que quando alguém ofereça esse entorpecente pra ele, ele já tenha consciência de que aquilo não é bom, que aquilo não é legal, que aquilo vai trazer consequências irreversíveis pra saúde [...]”. (ES3).*

A Educação Preventiva Integral, na intencionalidade de evitar o problema, destaca que é necessário que os educadores da Pedagogia Social e da Pedagogia Escolar reconheçam os fatores de proteção e os fatores de risco no abuso de drogas. É preciso dialogar sobre as possíveis influências que os adolescentes podem obter ao longo de seu desenvolvimento, que possam despertar perigos e, ou, interferências. Faz-se necessário ressaltar os fatores de proteção e enfraquecer os fatores de risco e, isso pode ocorrer com formação inicial e continuada aos sujeitos que com os adolescentes atuam, bem como com o diálogo e a garantia dos direitos.

Além de refletir sobre os fatores de proteção e os fatores de risco, as participantes também dialogaram sobre os sentimentos referentes ao abuso de drogas na adolescência, sendo tomadas pelo desespero, insegurança, incapacidade, preocupação, medo e tristeza.

*“- Então, dá um desespero de saber que você está com a mão amarrada”. (PE3)*

*“- Eu acho que vem um sentimento de impotência, que você vê aquilo, mas você não pode fazer muita coisa. O teu sentimento é de querer ajudar de repente e querer que ele não use aquilo mais, que ele pare por ali, mas a gente sabe que não é bem assim né” (ES3).*

Por fim, embora os discursos das educadoras sociais e das pedagogas escolares expressassem impasses, problemas, angústias e medos sobre a prevenção do abuso de drogas na adolescência, elas reconheciam a importância da formação inicial e continuada, assim como abordada nos Núcleos anteriores. Despertam a importância para a efetivação da Rede de Proteção e da atuação de toda a sociedade para a preservação dos direitos fundamentais: “ao mesmo tempo em que expõem a carência de formação na área, também apresentam a importância voltada à formação humana” (LIMA, 2017, p. 136).

## Considerações Finais

A pesquisa proposta expressou angústias, medos e pedidos de socorro de educadoras sociais e pedagogas escolares que, ao dialogarem sobre suas práticas diárias, denunciaram um contexto repleto de ausências e violações de direitos. Com o objetivo de verificar os procedimentos no campo da Educação Social e da Pedagogia na prevenção do abuso de drogas na adolescência, constatou-se que se trata de ações pontuais, limitadas e isoladas. Por meio da coleta e análise das entrevistas semiestruturadas, houve a possibilidade de compreender a realidade vivenciada por muitos profissionais da Pedagogia Social e da Pedagogia Escolar no Brasil.

Os Núcleos I (Ausência) e V (Sentir) apresentaram cenários violadores de direitos dos adolescentes, a começar pela omissão/não atendimento de profissionais da área e pelos próprios gestores. Ademais, desconhecem os fatores de proteção e de risco, que poderiam ser âmbitos que agregassem à prática de Educação Preventiva Integral. Mesmo com todas as limitações, as participantes destacam que é preciso unir-se à família, à comunidade para que o diálogo ocorra e, com isso, antecipe demandas e evite problemas junto aos adolescentes.

Em relação aos Núcleos II (Ser) e III (Conhecer), houve possibilidade de identificar conhecimentos, percepções e sentimentos envolvendo a formação inicial e continuada do educador social e do pedagogo escolar. A questão se agrava em relação às educadoras sociais, pois, além de não obterem posturas para atuar com prevenção, também desconhecem sobre suas funções educativas. Ao contrário, as pedagogas escolares relataram que suas formações iniciais oportunizaram conhecimentos sobre suas funções no ambiente escolar.

Quando questionadas sobre o âmbito da prevenção do abuso das drogas, voltam a aproximar-se das educadoras sociais, uma vez que não receberam formação suficiente para atuar com a temática, nem no Curso de Formação de Docentes, nem no Curso de Pedagogia. Mais uma vez, salientou-se a ausência de conhecimentos e de compreensão sobre o mundo adolescente, sobre a prevenção e as drogas. Consequentemente, sentimentos negativos vêm à tona, reforçando que ainda precisam de muitos estudos para a atuação no cargo.

O Núcleo IV (Fazer) proporcionou observar as ações preventivas promovidas pelas participantes, identificando o diálogo e a compreensão dos contextos e realidades dos adolescentes e suas famílias como atividades pró-sociais. São reforçadas com a preocupação sobre o sujeito e seu desenvolvimento. Também, apresentaram em seus discursos a ausência da atuação da Rede de Proteção, reforçando outra vez a carência e necessidade da preservação dos direitos fundamentais dos adolescentes.



As educadoras sociais e as pedagogas escolares destaca que o diálogo, a relação horizontal entre o educador e o educando, a criação e o fortalecimento de vínculos, a presença, reforçam o desenvolvimento pleno do humano, tornando-se também ferramentas essenciais para a Educação Preventiva Integral. Há iniciativas de cuidado do outro, de humanização, da compreensão que a prevenção é necessária e, precisa ser construída desde a infância. Trata-se de um processo contínuo, que se desenvolve à medida que o ser evolui.

Na condição de educadores e, principalmente de gestores, se faz necessário compreender os espaços de atuação e de condições de trabalho dos educadores sociais e dos pedagogos escolares, uma vez que estão inseridos em comunidades com índices elevados de vulnerabilidade, risco e exclusão social. É preciso oportunizar espaços de diálogo, de construção e fortalecimento de vínculos, de protagonismo e de humanização. O abuso de drogas é um fenômeno que precisa ser compreendido como complexo, milenar e de desafio para todos os sujeitos. Reconhece-se que os educadores obtêm várias possibilidades, em que se pensa: que “o trabalho educativo é e sempre será uma fonte de aprendizagens inesgotável, envolvendo interesse, sutileza e sensibilidade do educador para práticas que envolvem as dificuldades da adolescência e o seu desenvolvimento pessoal/social” (LIMA, 2017, p. 143).

É preciso respeitar e salientar o trabalho do educador social e do pedagogo escolar. São profissionais que promovem práticas necessárias para o desenvolvimento humano e para a construção das relações em sociedade. A presente pesquisa é apenas um pontapé inicial (ou continuado) do processo de reconhecimento dos profissionais da Educação (Social e Escolar) e, expressa lacunas envolvendo um cenário repleto de ausências entre relacionadas à Educação Preventiva Integral. É preciso sim reconhecer as fraquezas e fragilidades dos educadores, dos educandos, assim como também é importante assumir uma postura de protetores, de humanizadores, de incentivadores e promotores da Educação Preventiva Integral.

## Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão, São Paulo, v.26, n. 2, p. 222-245, jun/dez. 2006.**

\_\_\_\_\_. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.**

ARALDI, Jossara Cattoni; NJAINE, Kathie; OLIVEIRA, Maria Conceição de; GHIZONI, Angela Carla Ghizoni. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação, São Paulo, v.16, n.40, p.135-46, jan./mar. 2012.**

LIMA, Tatiane Delurdes de. **O educador social e o pedagogo escolar na prevenção do abuso de drogas na adolescência.** 2017. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

ASINELLI-LUZ, Araci. **Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades.** 2000. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Visão educacional das drogas: orientação para os pais e professores. In: ANDREOLI, Cleverson V.; TORRES, Patrícia Lupion. (Org.). **Complexidade: redes e conexões do ser sustentável.** Curitiba: SENAR - PARANÁ, 2014. p. 377 – 397.

BRASIL. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União, Brasília, Distrito Federal, 1990/2013.**

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Pedagogia da Presença: da Solidão ao Encontro**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1997.

DUARTE, Cláudio Elias; MORIHISA, Rogério Shigueo. **Prevenção do uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros Municipais**. 3 ed. Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas. 2012.

JUBERG, Mai-Lene. **The social educator an actor within drug related care**. 2009. 49p. Dissertação (Mestrado em Educação Social) - Høgskolen i Molde, Noruega, 2009.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Artículo de introducción sobre a labor creadora de L. S. Vygotski. In: Vygotsky, Lev Semenovitch. (Ed.) **Obras Escogidas**. Madrid: Vysor Aprendizaje y Ministerio de Cultura Y Ciencia, 1991. p. 419-450.

MELO, José Wilson Rodrigues de; FREIRE, Juciley Silva Evangelista; FREIRE, José Carlos da Silveira. Desigualdades sociais, exclusão e direitos humanos: alguns elementos de análise para a realidade Tocantinense. **Revista Humanidades e Inovação** v.6, n.18 – 2019, p. 44-58.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementariedade? **Caderno Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9. n. 3, p. 239-262, 1993.

NUNES, Tatiana; TEIXEIRA, Diogo, COELHO, Filipa. A Educação Não Formal na prevenção dos problemas ligados ao álcool. **Saber e Educar**, São Paulo, v. 1, n. 19, p. 3-47, dez. 2014.

PARREIRA, Lúcia Aparecida; JOSÉ FILHO, Mário. A Educação não formal: desafios de uma prática pedagógica. **Revista Serviço Social e Realidade**, Franca, v. 19, n. 01, p. 241-268, jan. 2010.

ROSELLI-CRUZ, Amadeu. “Estado da Arte” do abuso de drogas e sua Prevenção no Brasil. In: ROSELLI-CRUZ, Amadeu; CÂMARA, Martial de Magalhães. (Org). **Prevenção do Abuso de Drogas: Temas Contemporâneos e Prospecção Social**. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula Editora - CEDUSU, 2010. 31-68.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fatores de risco e proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 707-717, mai./out. 2005.

SOCIAS, Carmen Orte; CERDA, Marti March. El estudio de los predeterminantes actitudinales Del consumo de drogas: un punto de partida necesario para La intervención Del educador social. In: CARRERAS, Juan Saez. (Coord.). **El Educador Social**. Universidad de Murcia: Murcia, 1994. p. 313-341.

STOLTZ, Tânia. **As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar**. 3. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

VIEIRA, Edson Trajano; SANTOS, Marcia Eliza de Godoi dos. Educação e desenvolvimento: transformação e ascensão de uma sociedade. **Revista Humanidades e Inovação**, v.6, n.18, p. 177-190, out./dez. 2019.

ZOLOVOTA, Hann. The subject component of the system of prevention of children's addictive Behavior. **European Researcher**, Ukraine, v. 76, n. 6, p. 1091-1097, 2014.

Recebido em 29 de fevereiro de 2020.

Aceito em 19 de março de 2020.